

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: AS FILHAS DE IMIGRANTES JUDEUS NO BRASIL¹

*Ethel Volfzon Kosminsky**

Resumo: Mulheres judias, filhas de imigrantes, relatam as lembranças de sua infância, compreendendo a vizinhança onde viveram, as escolas onde estudaram, as amizades, o relacionamento com o judaísmo e com o catolicismo, e referem-se também ao anti-semitismo. A memória coletiva da infância constitui um dos elementos da construção da sua identidade judaica.

Palavras-chave: imigração judaica, memória coletiva, identidade judaica

No Brasil, são poucos os trabalhos sobre mulher imigrante e menos ainda sobre as filhas dessas mulheres, ou seja, a segunda geração. Entre as pesquisas realizadas, destaca-se o trabalho de Célia Sakurai² a respeito da migração japonesa para São Paulo, baseado em romances escritos por mulheres; e o de Kátia Lerner³ sobre histórias de vida de mulheres imigrantes judias na cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente, ainda não contamos com estudos sobre a segunda geração e, menos ainda, com pesquisas referentes às mulheres, filhas de imigrantes.

A importância do estudo da segunda geração de mulheres, articulada com o grupo étnico, é significativa na medida em que possibilita verificar a adaptação da família e do grupo étnico ao novo país; mostra a alteração dos valores trazidos pela família e a incorporação de novos; evidencia o choque de gerações, mostrando, muitas vezes, a primeira geração comprometida com os antigos valores e a segunda, adepta dos novos, buscando se integrar à nova sociedade.

Além disso, como apontou Elizabeth Ewen, os sujeitos da História são os homens. Em outras palavras, mesmo os novos estudos de migração continuam a

* Professora de Sociologia da UNESP (Universidade Estadual Paulista) – Marília e pesquisadora do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) da Universidade de São Paulo. Bolsista da FAPESP junto ao Vassar College e à CUNY – Queens College em 1998. Bolsista da Fulbright junto ao American Jewish Archives, Cincinnati e junto ao YIVO – Institute for Jewish Research, New York e junto à Columbia University's Institute of Latin American and Iberian Studies, 1994-95.

1 Esse trabalho é parte da pesquisa mais ampla "A segunda geração de mulheres judias no Brasil e nos Estados Unidos", que venho realizando graças à bolsa de pesquisa da FAPESP, em 1998. Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no congresso promovido pela Latin American Jewish Studies Association (LAJSA), em Princeton University, em março de 1999.

2 SAKURAI, C. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo, Sumaré, 1993.

3 LERNER, K. *Fragmentos do passado: histórias de vida de mulheres imigrantes judias*. Rio de Janeiro, Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, (Dissertação de Mestrado).

ser realizados sob a perspectiva do homem e não da mulher⁴. O pior é que o ponto de vista da mulher aparece, nesses trabalhos, subjugado ao do homem, considerado como único, perdendo a mulher a sua identidade. Este artigo, parte de uma pesquisa mais ampla⁵, pretende resgatar o ponto de vista da mulher, tratando-a como sujeito de uma sociedade periférica, o Brasil.

A escolha de descendentes de origem judaica da Europa Oriental deve-se ao peso dessa corrente migratória⁶ em relação aos judeus de língua alemã e aos judeus sefarditas. Além disso, fui motivada por razões de ordem pessoal, faço parte da terceira geração de judeus imigrantes daquela região e pretendo ampliar o meu conhecimento sobre o grupo (ou subgrupo étnico⁷).

4 EWEN, E. *Immigrant Women in the Land of Dollars*. New York, Monthly Review, 1985, p. 14.

5 "A segunda geração de mulheres judias no Brasil e nos Estados Unidos" compreende o estudo comparativo da experiência de vida da segunda geração de mulheres judias, filhas de imigrantes judeus da Europa Oriental, estabelecidos na cidade de São Paulo e na cidade de Nova Iorque.

6 O maior fluxo de imigrantes judeus para o Brasil ocorreu entre 1926 e 1942, quando 49.947 pessoas aqui chegaram, procedentes na sua maioria da Polônia e dos demais países da Europa Oriental. No período de 1925 a 1932, os dados estatísticos disponíveis não apontam a entrada de imigrantes judeus da Alemanha. Essa imigração ocorreu entre 1933 e 1942 e compreendeu um total de 9.431 judeus-alemães (Cf. Lesser, J. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro, Imago, 1995). Lesser observa que as estatísticas referentes à imigração judaica para o Brasil podem apresentar discrepâncias em razão das diversas fontes utilizadas na sua composição. Todavia, as estatísticas brasileiras apresentam uma série de problemas: os portos de Recife e de Salvador não listaram os imigrantes que chegaram na década de 10 e de 20 deste século, tendo iniciado esse registro apenas a partir de 1928 (Cf. Kosminsky, E. Op. cit., 1996); os dados estatísticos oficiais praticamente não computam o número de imigrantes que retornaram (Alvim, Z. *Brava gente: os italianos em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 120; Seyferth, G. "Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia". BIB, (25): 3, 1988); as estatísticas não expressam o conteúdo étnico do grupo imigrante, como é o caso das "minorias teutas espalhadas pelo mundo eslavo e que entraram no Brasil com o rótulo de *russos, húngaros, poloneses* etc." (Seyferth, G. Op. cit., 1988, p. 4); também os judeus procedentes do antigo Império Russo eram classificados como sendo de nacionalidade "russa" (Registro do Movimento de Imigrantes na Ilha das Flores, de 1913; informação coletada para um futuro trabalho sobre a imigração judaica para a colônia de Quatro Irmãos, Rio Grande do Sul). Infelizmente, não disponho de dados estatísticos sobre os judeus sefarditas, as informações apontam para a presença de judeus procedentes do Marrocos, desde o século passado, na Amazônia, atraídos pelo *boom* da borracha. Judeus sefarditas procedentes do antigo Império Otomano se estabeleceram no nordeste do país, e também em São Paulo, provavelmente a partir dos anos anteriores à I Guerra Mundial. Sefarditas provenientes da Itália, Bulgária e principalmente do Egito imigraram para São Paulo: estes últimos devido à perseguição desencadeada por Nasser.

7 Por grupo étnico entendo, no sentido apontado por Weber, os grupos sociais baseados em costumes comuns, em lembranças de migração, em uma crença subjetiva em uma procedência comum e que compartilham da mesma religião e da mesma língua. Ver Weber, M. *Economia y sociedad*. 2. ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1964, v. 1, cap. 4. A essa definição de Weber, acrescentarei a auto-identificação, isto é, o sentimento de pertencer ao grupo e a identificação do grupo pelas pessoas de fora. Por subgrupo étnico, penso nas subdivisões no seio do próprio grupo étnico judeu baseadas em diferentes procedências, línguas e costumes diversos e, mesmo, diferenças de ritos. Refiro-me às diferenças existentes entre os judeus originários da Europa Oriental, os judeus de língua alemã e os judeus sefarditas. Para um detalhamento da questão a respeito dos dois primeiros subgrupos, bem como, a respeito da relação entre etnia e classe social, ver Kosminsky, E. Family. "Ethnic Group and Social Class in the Study of Eastern European Jewish Immigration to Brazil and to the United States": *paper* apresentado no congresso da LASA, em Chicago, 1998. Mesmo entre os judeus procedentes da Europa Oriental há diferenças conforme o país de origem; essas diferenças são ainda maiores entre esse grupo e os judeus sefarditas, como bem apontou Boris Fausto. Este autor também chamou a atenção para a diversidade existente no seio dos sefarditas também baseada na origem nacional. Ver Fausto, B. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

A pesquisa, cujos resultados parciais são aqui apresentados, está baseada nas histórias de vida de filhas de imigrantes da cidade de São Paulo. O uso desse procedimento deve-se ao fato de constituir a história de vida a técnica mais adequada para os estudos de migração⁸. Virginia Yans-McLaughlin no seu trabalho sobre imigrantes judeus e italianos, na cidade de Nova Iorque, mostra como as narrativas pessoais oferecem um meio para se atingir os valores culturais e políticos que emergem da experiência histórica dos grupos⁹. Além das entrevistas, a pesquisa fez uso da literatura – autobiografias e romances de cunho autobiográfico – de mulheres que vivenciaram experiências de vida semelhantes às das entrevistadas. A literatura, importante fonte documental, permite “captar ao vivo situações e comportamentos do passado”¹⁰.

O artigo compreende as lembranças das entrevistadas, residentes em São Paulo, sobre a sua infância. Ser criança em uma família imigrante não é um processo fácil. As crianças podem se sentir divididas por exigências culturais e sociais conflitivas diante de um mundo desconhecido e muitas vezes hostil. O processo de crescer em uma família imigrante depende, certamente, das características dos imigrantes e dos seus filhos e do contexto social que os recebe¹¹. Com que sociedade as filhas dos imigrantes judeus se defrontaram no Brasil, com uma sociedade hostil ou acolhedora? Como elas vivenciaram a sua infância, enquanto judias, no Brasil, um país de cultura católica? O que significou para elas professar o judaísmo em um país de maioria católica? Como se relacionaram, enquanto minoria, com as crianças não-judias da vizinhança e da escola? Qual o seu relacionamento com os adultos não-judeus e com os seus pais-imigrantes?

São essas e outras questões que tentarei responder ao longo deste trabalho baseado nas memórias da infância das filhas de imigrantes judeus estabelecidos na cidade de São Paulo, Brasil, no período compreendido entre os anos de 1911 e 1948.

A INFÂNCIA DA SEGUNDA GERAÇÃO

A infância, quer de mulheres imigrantes, quer de suas filhas é um dos temas mais desprezados pelas Ciências Sociais, não obstante a sua presença na Lite-

8 Cf. KOSMINSKY, E. *Judaísmo e imigração: a história de uma família*. São Paulo: Relatório Científico apresentado à FUNDUNESP. (mimeo.), 1996. Idem. “Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em Sociologia”. *Ciência e Cultura*, 38(1), jan. 1986. QUEIROZ, M. I. P. de. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. In: SIMSON, O. von. (org.). *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

9 YANS-MCLAUGHLIN, V. (org.). “Metaphors of Self in History: Subjectivity, Oral Narrative, and Immigration Studies”. In: *Immigration Reconsidered*. New York, Oxford, 1990, p. 254-255.

10 Queiroz, M. I. P. de. “Escravidão e mobilidade social vertical em dois romances brasileiros do século XIX”. *CADERNOS CERU*, n. 9, 1976, p. 40.

11 Cf. PORTES, Alejandro. “Segmented Assimilation among New Immigrant Youth: A Conceptual Framework”. In: RUMBAUT, R. G.; CORNELIUS, W. A. *California's Immigrant Children. Theory, Research, and Implications for Educational Policy*. San Diego, Center for U.S. Mexican Studies/ University of California, s.d.

ratura¹². Isso se deve à posição de subalternidade ocupada pela criança na sociedade ocidental. “A hierarquização etária da sociedade, assim como sua estratificação em classes sociais, está baseada em uma situação de dominação preponderantemente econômica e serve para justificar o aspecto que chamaríamos de ‘político’ referente ao exercício do poder: os adultos, na força da idade, são os produtores por excelência, diante deles devem se dobrar velhos, jovens e crianças”¹³.

As crianças dos grupos imigrantes são duplamente oprimidas em razão da sua posição etária e da sua posição de pertencimento a um grupo minoritário, estrangeiro. Muitas vezes essa situação se articula com a situação de classe, quando o ser minoritário se confunde com o pertencer às camadas subalternas da sociedade.

No seu trabalho sobre a adaptação dos filhos dos imigrantes estabelecidos nos Estados Unidos, após 1965, Alejandro Portes¹⁴ mostra que, o processo de adaptação social dos filhos dos imigrantes está ligado a uma série de fatores, em primeiro lugar à cor da pele, isto é, se são brancos e, em segundo lugar, à estrutura de oportunidades econômicas do país receptor. Se os filhos dos imigrantes são brancos, mais fácil será a sua aceitação.

Ainda segundo o autor, a localização dos imigrantes em certos bairros da cidade é importante, pois ela proporciona o contato dos filhos dos imigrantes com determinados grupos sociais, afetando dessa forma o processo de socialização das crianças. Um outro ponto, talvez um dos mais importantes, compreende os recursos que o grupo étnico coloca à disposição dos imigrantes, a indicação de empregos e de moradia, a existência de associações comunitárias e de escola para os seus filhos¹⁵.

Essa rede de relações sociais formais e informais propicia a criação de oportunidades para os membros da segunda geração, que desse modo podem enfrentar mais facilmente a discriminação e as dificuldades de ascensão social. Permanecer ligado ao seu próprio grupo étnico pode significar vantagens, os filhos dos imi-

12 Em relação à literatura norte-americana infantil, em que as personagens principais são meninas judias, citarei apenas dois exemplos, uma vez que essa não é a minha área de pesquisa, mas, posso afirmar quase com segurança que devem existir muitos outros: Taylor, S. *All-off-a-kind Family*. New York, Dell Publishing, 1989. (1. ed. 1951). Cohen, B. *Molly's Pilgrim*. New York, Lothrop/Lee & Shepard Books, 1983. Em relação à literatura brasileira, fugindo da temática uma vez que focaliza a adolescência, a única referência é o livro da Pinsky, M. G. *Sardenta*. São Paulo, Saraiva, 1996. Em termos de autobiografia de escritoras norte-americanas, compreendendo a infância, destaca-se, sem dúvida nenhuma, a autobiografia de Mary Antin escrita, se não me falha a memória quando a autora contava com 11, 12 anos de idade apenas. Ver Antin, M. *From Polotsk to Boston*. Boston, W. B. Clarke & Co., 1899. Ainda em relação a autobiografias, Gertrude Ford dedica uma longa parte do seu livro à sua infância. Ver Lord, G. *81 Sheriff Street*. New York, Frederick Fell Publishers, 1981.

13 KOSMINSKY, E. *Aqui é uma árvore. Aqui o sol, a lua. Aqui um montão de guerra: o uso do desenho infantil em sociologia*. CADERNOS CERU, Série 2, (9), 1998: 83-100. As citações em itálico são de: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Educação como uma forma de colonialismo*. São Paulo, SBPC, 1979. (Ciência e Cultura, 28(12): 1433-1441, dez.).

14 PORTES, A. Op. cit., 1995.

15 Ver KOSMINSKY, E. Op. cit., 1998.

grantes podem contar com recursos materiais e morais, mas, pode também implicar em desvantagens quando o grupo minoritário conta com poucos recursos e com uma comunidade pouco estruturada e, ao mesmo tempo, encontra-se diante de forte preconceito social. Nessa última circunstância a ligação com o grupo étnico pode significar um desestímulo para a ascensão social. A aceitação de cada grupo pela sociedade abrangente vai depender da própria história do grupo e dos seus recursos e, certamente, do momento da sua entrada no país.

Ao refletir sobre a inserção das crianças judias, filhas de imigrantes, na sociedade brasileira, a primeira indagação diz respeito à sua posição social. Ora, a bibliografia aponta para a introdução dos judeus procedentes da Europa Oriental na sociedade brasileira nas camadas médias da população. “No Brasil, os principais contingentes imigratórios judeus, entre 1920 e 1940, dirigindo-se para São Paulo e Rio de Janeiro, ingressaram na sociedade brasileira, em seus setores mais dinâmicos e desenvolvidos, em plena fase de expansão. Em alguns anos, os imigrantes passaram de vendedores ambulantes e de artesãos a lojistas e proprietários de fábricas”¹⁶.

Os filhos dos imigrantes judeus puderam contar com uma rede de apoio, escolas e associações comunitárias, e com a rápida mobilidade social dos seus pais. A ligação dos filhos dos imigrantes ao seu grupo étnico parece, portanto, ter sido um fator eficaz para a sua ascensão social. Teriam as meninas judias vivenciado esse processo?

Os judeus, apesar de terem sido considerados uma das “raças indesejáveis”, pelos responsáveis pela política imigratória durante o regime Vargas¹⁷, não foram impedidos de se estabelecerem e nem tiveram a sua ascensão social negada no Brasil. A extensão do anti-semitismo junto à população brasileira ainda está por ser medida¹⁸.

Na verdade, talvez em função do seu pequeno número¹⁹, parece haver um desconhecimento de grande parte da população em relação à existência de judeus

16 KOSMINSKY, E. A segunda geração de mulheres judias no Brasil e nos Estados Unidos. Projeto de Pesquisa apresentado à FAPESP em 1997, p. 23. A citação é de RATTNER, H. *Tradição e mudança: a comunidade judaica em São Paulo*. São Paulo, Federação Israelita do Estado de São Paulo/Instituto de Relações Humanas do Comitê Judaico Americano, 1970, p. 57. (mimeo.).

17 LESSER. Op. cit., 1995, p. 301.

18 LESSER refere-se ao levantamento realizado por Arthur H. Neiva e Manuel Diégues Júnior, em 1950, junto a “dois mil universitários de São Paulo, constatou que a maioria não queria judeus em *parentesco próximo por casamento*” (Op. cit., 1995, p. 303). Dificilmente essa pesquisa pode ser encarada como conclusiva, talvez possa ser vista como um indicador de uma situação então vivida pelos jovens estudantes, a ameaça de competição ou, até mesmo, o desconhecimento e a falta de contato com pessoas judias.

19 De acordo com o censo de 1980, a população judaica no Brasil compreendia 92 mil pessoas; é possível supor que, no período compreendido entre 1980 e 1990, o atual número esteja próximo dos 100 mil (DELLAPERGOLA, S. “Demographic Trends of Latin American Jewry”. In: ELKIN, J. L.; MERKX, G. W. (orgs). *The Jewish Presence in Latin America*. Boston, Allen & Unwin, 1987). Para o final da década de 90, é razoável pensar em uma população de 130 mil pessoas, a maior parte das quais encontra-se concentrada em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

no país. Esse desconhecimento foi apontado por J. Lesser ao se referir à “classe pobre e trabalhadora urbana” e ao sugerir a existência de “uma imagem desconhecida e aterrorizante” do judeu que teria influenciado a reação negativa contra a imigração judaica²⁰. No Nordeste, área onde teve início a colonização do Brasil e que, justamente por essa razão, contou com a presença de cristãos-novos²¹, recebendo a influência de usos e costumes judaicos, o judeu era considerado um ser abstrato e assustador, segundo Câmara Cascudo²².

Na minha pesquisa sobre a história da minha família que imigrou para o Nordeste, e cujos filhos nasceram entre 1914 e 1925, nas cidades de Recife e Natal, uma das filhas entrevistadas contou que uma professora dizia na classe que “os judeus mataram Jesus”. Isso a aborreceu muito, mas não a impediu de conservar os seus amigos não-judeus. De acordo com o filho, “Não importava se os judeus tinham matado Cristo ou não, não fazia nenhuma diferença” para ele e para a sua família²³. O que foi realmente comprovado pela rede de relações sociais estabelecida pela família com não-judeus e pela sua ascensão social. Contudo a inexistência de um anti-semitismo concreto, em Natal, não pode ser generalizada para as outras cidades brasileiras. Faz-se necessária uma pesquisa sociológica que avalie as relações de vizinhança entre judeus e não-judeus em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, as cidades brasileiras onde estão localizadas as maiores comunidades judias²⁴.

Até agora, mostrei a socialização dos filhos dos imigrantes e a sua adaptação social, como se os filhos fossem unicamente receptores e dependentes dos seus pais e do seu meio social. No entanto, muito embora a criança seja dependente do adulto, ela é um importante agente social, ela não internaliza simplesmente a sociedade e a cultura, as crianças “contribuem ativamente para a mudança e a produção cultural”²⁵. As crianças, filhas de imigrantes, em contato com os seus pares, através de brincadeiras e jogos infantis, tendem a adquirir traços culturais da sociedade abrangente, participando ativamente da introdução dos seus pais ao novo ambiente social.

Foi o que apontou Florestan Fernandes, na pesquisa efetuada junto às crianças do bairro do Bom Retiro, São Paulo, na década de 40, bairro esse habitado principalmente por “russos e italianos”. Muito possivelmente os “russos” eram os judeus, assim denominados pela população das camadas de baixa renda, naquela época. As crianças, filhas de estrangeiros e aquelas também estrangeiras, ao participarem das brincadeiras de rua com as crianças de origem luso-brasileira, adquiriram traços da cultura brasileira, o que apressou a sua integração à cultura nacio-

20 LESSER, J. Op. cit., 1995, p. 305 e 308.

21 NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

22 CASCUDO, L. da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1984.

23 KOSMINSKY, E. Op. cit., 1996. Entrevistas com Sarita e Noya.

24 KOSMINSKY, E. Op. cit., 1998.

25 CORSARO, W. A. *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks, Pine Forge Press, 1997, p. 18.

nal compartilhada pelo grupo infantil. Observou ainda o autor que, esses traços podem ser repassados aos adultos por meio das crianças, “as quais não recebem, apenas, sofrendo constantemente a ação educativa; mas, que podem exercer um papel ativo na reeducação dos seus pais e de sua família, em geral, servindo de veículo de transmissão de elementos culturais. (...) Por isso, as crianças não só são integradas ao sistema de valores do grupo social, como também, no caso particular das descendentes de imigrantes, podem contribuir para a brasileirização dos pais”.

As filhas dos imigrantes judeus teriam se integrado no sistema de valores compartilhado pelas demais crianças da vizinhança? A brasileirização dos seus pais teria realmente ocorrido?

AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

As boas e más lembranças só têm sentido como uma experiência compartilhada, cada indivíduo fala pelos outros e, todos transmitem e contribuem para instituir a memória coletiva. Esta engloba as memórias individuais e, ao retirar destas a sua substância, reproduz sobre elas o seu ritmo e o seu movimento²⁶.

É com base nas lembranças da infância que os adultos constroem a sua identidade pessoal e coletiva. As memórias da infância são aquelas que as pessoas carregam consigo e que podem ser repentinamente acionadas no presente através de um cheiro, uma comida, um rosto, uma palavra, algo que, ocorrendo no momento, as faz retroceder para o passado, reatualizando de um certo modo o passado com os olhos do presente.

A partir do momento em que “a criança ultrapassa a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes do pensamento coletivo”²⁷. É essa memória coletiva, compartilhada, que vai formar a memória do grupo social, constituindo um dos elementos da identidade do grupo. Muitas vezes a criança vê uma cena, um conflito, alguma manifestação de rua e a sua compreensão do que viu, a fixação da sua lembrança estará associada às atitudes dos pais ou de outros adultos quando do acontecimento. “Sabíamos bem, pela atitude dos adultos em presença do fato que nos impressionou, que este merecia ser lembrado”. Assim, “as correntes de pensamento social atravessam o espírito da criança, mas só com o tempo arrastarão tudo o que lhes pertence”²⁸. Em outras palavras, somente muito mais tarde a criança irá compreender o que viu e a fixação do que viu estará ligada à atitude dos pais e de outros adultos.

26 Cf. VALENSI, L.; WACHTEL, N. *Mémoires juives*. Paris, Gallimard-Julliard, 1986.

27 HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990, p. 62. Trad. da 2. ed. do original francês de 1968. A 1. ed. francesa é de 1950.

28 *Idem*. p. 63-64.

Muitas vezes os pais não têm tempo suficiente para dar atenção à criança ou ainda, outras vezes, limitam o que a criança pode ouvir das conversas dos adultos. Entretanto, as crianças se relacionam com uma outra categoria de adultos, para os quais não há essa espécie de censura e que, algumas vezes, falam livremente para elas. Halbwachs refere-se aos criados da sua infância, na França, e semelhanças podem ser encontradas no relacionamento entre as empregadas domésticas e as crianças nas casas das famílias brasileiras de classe média e nos demais países latino-americanos. De acordo com o autor, a criança sente-se próxima dos criados porque ambos compartilham da “simplicidade” de suas concepções. Talvez mais do que isso, os criados dão atenção às crianças, contam-lhe histórias, descrevem um simples fato ou tecem comentários a respeito de algum personagem. Muitas vezes as suas palavras estão cercadas de magia e de encantamento. É através dessas idéias confusas e mágicas que a criança alcança “senão os próprios acontecimentos, pelo menos uma parte dos ambientes humanos”²⁹ compartilhados pelos camponeses, operários, pessoas das camadas populares.

Nesse relacionamento com as empregadas domésticas, as crianças demonstram uma sensibilidade muito grande, percebendo as dificuldades da vida dessas pessoas e compartilhando, muitas vezes, das suas atividades religiosas e de lazer, bem como, assistindo-as no desempenho das tarefas domésticas. Esse contato tão próximo com as empregadas domésticas católicas, levou a menina judia, no Chile – do livro de Marjorie Agosín³⁰ – a construir um sentimento de ambivalência em relação ao catolicismo, uma religião que fala de pecado e de castigo e, ao mesmo tempo, colorida e cheia de imagens e, do outro lado, o judaísmo, uma religião austera, sem imagens e com tão poucas superstições.

A aproximação que a menina judia tinha das empregadas domésticas, no Chile, pode ser entendida pela posição subalterna compartilhada pela criança e pela empregada em relação aos adultos, pais da criança e patrões da empregada; há que considerar também a posição subalterna ocupada pelos judeus tendo em vista a sua religião em um país católico, não obstante pertencerem às camadas médias da população. Essa posição de subalternidade sentida pela criança pelo fato de ser judia pode motivá-la a se aproximar das pessoas que se encontram em uma posição de inferioridade na sociedade.

A criança entra em contato também com uma categoria de adultos, os avós, as pessoas idosas. Muitas vezes elas são deixadas aos cuidados dos avós e essa aproximação as permite entrar em contato com um passado mais remoto. “Não são somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória”³¹. Dessa forma, a criança pode se tornar um depositário

29 Idem. p. 64-65.

30 AGOSÍN, Marjorie. *A Cross and a Star: Memoirs of a Jewish Girl in Chile*. Pref. de Laura Riesco; trad. do espanhol para o inglês de Celeste Kosstopulos-Cooperman. New York, The Feminist Press at the City University of New York, 1997, 1. ed. 1995.

31 HALBWACHS, M. Op. cit., 1990, p. 66.

das tradições e dos costumes, estabelecendo assim uma ponte entre o passado e o futuro. Na história narrada por Sabina Berman³², após a morte da avó, é a neta quem acende as velas e pronuncia a benção do Shabbat, quando na verdade caberia à filha ou à nora levar avante a realização desse ritual. O que a autora parece indicar é que a persistência e a manutenção dos rituais religiosos pula uma geração: é a neta que garante a preservação das tradições, dando continuidade aos ensinamentos e práticas religiosas da avó.

AS FILHAS DOS IMIGRANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO

O critério básico da seleção das entrevistadas compreendeu dois aspectos: em primeiro lugar, que fossem filhas de imigrantes judeus da Europa Oriental e, em segundo lugar, que residissem na cidade de São Paulo. A partir desse critério, coletei a história de vida de oito mulheres, das quais apresentarei aqui apenas as recordações da infância de três delas. Essas três foram escolhidas da seguinte forma: Célia³³ por ser um elo entre esta pesquisa e a anterior. Célia é a única prima do lado brasileiro da família Feldman³⁴, que reside no país. Ela nasceu em Recife e migrou com a família para São Paulo, ainda criança.

Annie foi selecionada pelo fato de ter migrado de Salvador para São Paulo há mais de 30 anos, numa época em que muitos judeus migraram do Nordeste para essa cidade e também para o Rio de Janeiro. Um outro motivo de caráter pessoal levou-me à escolha de Annie, o fato de nós duas termos sido colegas da Escola Israelita da Bahia, dos seis aos onze anos de idade, aproximadamente. Além da escola, nós havíamos participado também dos movimentos juvenis judaicos.

Célia sugeriu Amélia. A sugestão de procurar Amélia veio do fato de estar buscando alguém que tivesse vivido no Bom Retiro, bairro onde a maior parte dos judeus da Europa Oriental se fixaram, quando de sua chegada na cidade. E também porque segundo a Célia, o pai da Amélia tinha tido participação política, o que na época significava ter sido socialista ou comunista, e essa informação sobre grupos judeus de esquerda poderia ser interessante para a reconstituição da presença judaica no bairro.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências das pessoas. A entrevista com a Annie foi a mais difícil pelo fato dos seus pais terem sido sobreviventes do Holocausto. Todo o seu relato foi muito tocante. Muitas vezes nós duas tivemos que segurar as lágrimas.

32 BERMAN, S. *Bubbeh*. Trad. do espanhol para o inglês de Andrea G. Labinger. Pittsburgh, Latin American Literary Review Press, 1998.

33 Para garantir o anonimato das entrevistadas, substituí os nomes por outros.

34 Refiro-me à pesquisa "Judaísmo e Imigração: A História de uma Família". Ver KOSMINSKY, E. Op. cit., 1996.

OS DADOS PESSOAIS DAS ENTREVISTADAS

Como as lembranças da infância são vistas com os olhos de hoje, é importante colocar aqui os dados pessoais das entrevistadas, extraídos das suas histórias de vida. Esses dados estão agrupados na tabela 1.

TABELA 1
Dados pessoais das entrevistadas

Nome da entrevistada	Data de nascimento e idade na época da entrevista	Local de nascimento	Data de chegada a São Paulo e idade	Estado civil atual	Número e sexo dos filhos	Trabalho e ocupação atual
Célia	1929 68 anos	Recife	1934 5 anos	Viúva	1 (M)	Aposentada secretária
Amélia	1929 68 anos	São Paulo	—	Viúva	3 (2H, 1M)	Dona de casa voluntária
Annie	1947 51 anos	Paris (França)	1968 21 anos	Casada	2 (1H, 1M)	Empresária

De acordo com a tabela 1, duas das entrevistadas estão na faixa dos 60 anos, aproximando-se dos 70, e a terceira encontra-se na faixa dos 50 anos, o que significa uma grande diferença de idade entre esta última e as duas primeiras. Das três entrevistadas apenas uma nasceu em São Paulo. Das duas que nasceram fora de São Paulo, uma migrou de Recife para São Paulo com a família, aos 5 anos de idade; e a outra chegou de Paris para Salvador com os pais, com um ano de idade, e aos 20 anos migrou para São Paulo. Quanto ao estado civil, duas são viúvas e uma é casada. Todas as três têm filhos. Das três, duas trabalham e uma é dona de casa. Entre as que trabalham, uma já se encontra aposentada por um emprego anterior. Aquela que é dona de casa, exerce trabalho voluntário em instituições judaicas.

A origem dos pais das entrevistadas é a seguinte:

TABELA 2
Dados sobre a origem e a imigração da família

Nome da entrevistada	Origem da família materna e paterna	Local de nascimento	Ano e local de chegada	Idade na época da imigração	Estado civil na época da imigração
Célia	Pai: Bessarábia	Idem	1911 - Recife	14 anos	Solteiro
	Mãe: Lituânia	Idem	Não sabe - Recife	Não sabe	Solteira
Amélia	Pai: Polônia	Idem	1925 - São Paulo	Não sabe	Casado
	Mãe: Polônia	Idem	1926 - São Paulo	Não sabe	Casada
Annie	Pai: Polônia	Idem	1948 - Salvador	31 anos	Casado
	Mãe: Polônia	Idem	1948 - Salvador	24 anos	Casada

Os dados da tabela 2 indicam que, dos três casais, dois são provenientes da Polônia. Dois dos três casais se fixaram primeiro em Recife e em Salvador, respectivamente, e apenas um se estabeleceu diretamente em São Paulo. Dos três casais, dois já eram casados na época da imigração e um casou-se em Recife. Daqueles que imigraram já casados, o marido veio primeiro, tendo mandado vir a esposa um ano depois.

Das três entrevistadas, apenas Célia conheceu os avós paternos, quando criança em Recife. Os avós de Amélia e de Annie pereceram no Holocausto.

Os pais das entrevistadas imigraram em épocas diferentes. A imigração mais antiga foi anterior à I Guerra Mundial e se dirigiu para o Nordeste, foi o caso dos pais de Célia, que foram para Recife. A imigração seguinte ocorreu alguns anos depois da I Guerra, e compreendeu os pais de Amélia, que se dirigiram diretamente para São Paulo. A terceira imigração foi a mais recente, após a II Guerra, e também teve como destino o Nordeste. Esta última diz respeito aos pais de Annie, que se fixaram em Salvador.

Todos os três casos podem ser considerados imigração em cadeia. O pai de Célia já tinha um irmão em Recife. Os outros irmãos chegaram em seguida e, posteriormente, eles conseguiram trazer os pais. O pai de Amélia veio primeiro e depois mandou vir a esposa. Os pais de Annie, sobreviventes do Holocausto, decidiram ir para Salvador em razão do pai ter duas tias que lá residiam.

É interessante observar o movimento migratório posterior em direção à São Paulo das famílias que haviam se estabelecido no Nordeste. Célia migrou com a família, ainda criança, em 1934 e Annie mudou-se para São Paulo em 1968, seguida do irmão e, mais tarde, da mãe já viúva.

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Considero como lembranças ou memórias da infância as recordações mais remotas das entrevistadas até os seus 11, 12 anos de idade, quando concluíram o antigo curso primário e através do exame de admissão passaram a freqüentar o ginásio. A entrada no ginásio significava, na época, a ampliação da rede de relações sociais da criança e o assumir de novas responsabilidades, implicando a despedida da infância e o início da adolescência.

No entanto, nem sempre foi possível distinguir a fase de vida da entrevistada quando do relato de algum fato. Algumas vezes, as lembranças surgem sem estarem correlacionadas com a idade ou com fatos históricos que permitam supor a idade da entrevistada na época. Alguns trechos dos relatos permitem supor que a pesquisada já poderia estar na adolescência, mas, diante da dúvida, decidi considerá-los como sendo parte do final da infância, início da adolescência.

As falas das entrevistadas sobre os avós, os pais, outras pessoas, moradia, religião judaica e católica, fatos que constituem as recordações da infância que,

através do diálogo com a pesquisadora, vieram à superfície, depois de muitos anos. As informações obtidas durante a vida adulta e que dizem respeito somente a esta não serão aqui apresentadas.

As lembranças da Célia sobre os avós paternos são bastantes escassas. Ela apenas recorda que, “eles mal falavam português”. Quando Célia tinha 5 anos de idade, a família se mudou para São Paulo e os avós permaneceram em Recife. Não se refere aos avós maternos.

As recordações de Amélia sobre a família desaparecida durante o Holocausto aparecerão de forma indireta, ao falar dos pais, quando então lembrará as marcas que ficaram gravadas desde a sua infância.

A mãe de Annie só recentemente começou a falar sobre a perda da família:

“Na verdade, o que acontece é que quando a guerra estourou, os dois foram aprisionados em campo de concentração. Eu evitei por muito tempo conversar com eles sobre a família. Eu percebia que era muito triste. Agora de uns anos para cá, a minha mãe tem contado mais coisas, interessante isso. Nos últimos tempos, não sei se é porque houve essa manifestação em relação ao Spielberg, essa movimentação e o pessoal tem trazido à tona esse assunto de sobrevivente, então, acho que até ela tem feito mais, contado mais caso e da vida”.

Como essas são informações adquiridas durante a vida adulta, não farei uso delas para esse trabalho, no entanto, fica aqui registrado o sentimento vivido pela Annie de que o assunto deveria ser evitado tal a dor que despertava nos seus pais.

Muitas vezes as entrevistadas fizeram uma ponte entre a sua vida de criança e a vida atual, e entre a sua infância e algum fato ocorrido alguns anos depois. Nesses casos, decidi conservar a informação tal como foi obtida durante a entrevista a fim de não alterar o seu significado. Devido a problema de espaço os relatos não serão apresentados na íntegra.

SÍNTESE DOS RELATOS: CONCLUSÕES

Os relatos de Célia, Amélia e Annie são ricos de informações sobre a vida dos pais, os bairros onde moraram, a escola onde estudaram, as amizades com judeus e não-judeus, as associações judaicas, a relação com o judaísmo e com a religião católica, o anti-semitismo. Enfim, elas através dos seus relatos trouxeram um mundo, que pode ser situado como compreendendo os anos de 1934 a 1944 aproximadamente, na cidade de São Paulo e de 1953 a 1960 aproximadamente, na cidade de Salvador, Bahia.

De todos os pontos levantados pelas entrevistadas, irei concentrar a discussão em torno das questões levantadas no decorrer desse trabalho. Assim, o primeiro ponto é o que significa crescer em uma família imigrante, onde estão as marcas da imigração? Para Célia, talvez na atitude do seu pai, que, ao contrário dos vizi-

nhos adultos e não-judeus, bastante sociáveis, não se dava com as pessoas e tinha além disso uma postura muito estrita e autoritária sobre a esposa e os filhos, semelhante àquela encontrada na pesquisa sobre a família Feldman ³⁵, em que os pais imigrantes, assumem muitas vezes a postura de um pai-patrão, ou seja, de chefe de família de uma sociedade com características ainda bastante patriarcais.

As marcas infligidas pela imigração e, em seguida, pelo Holocausto são visíveis no tamanho da família de Amélia, uma família “tão pequeninha”, somente três pessoas, e em toda a tristeza presente na sua vida e na dos seus pais com o desaparecimento da família. A dor e o susto foram tão grandes que até hoje Amélia tem gravada a imagem do seu pai trazendo a notícia da eclosão da guerra e por duas vezes ela descreveu a mesma cena. Uma cena que ela só foi entender alguns anos mais tarde.

Annie aprendeu desde pequena que a sua mãe tinha uma saúde delicada e que não era possível fazer perguntas nem a ela, nem ao seu pai sobre a família. Só bem mais tarde, Annie foi saber que ambos tinham sido prisioneiros de campo de concentração e que eram os únicos sobreviventes de suas famílias, com exceção de alguns poucos parentes afastados.

A ruptura que o Holocausto significou está bastante presente nas histórias de vida de Amélia e de Annie. Para Célia a migração interna da sua família, de Recife para São Paulo, significou o distanciamento dos avós, tios e primos.

Além da imigração implicar uma ruptura, ela também acarreta um difícil período de adaptação ou seja de ajustamento à nova sociedade. Como as filhas dos imigrantes sentiram esse processo na sua infância? Célia não vivenciou problemas financeiros. Muito pelo contrário, ela experenciou a ascensão social dos seus pais, ao passar de uma casa já situada em um bairro de classe média para uma casa localizada em um bairro de classe média alta. No entanto, ela sentiu a diferença das atitudes do seu pai ao compará-lo com os vizinhos.

Amélia acompanhou as dificuldades dos pais para sobreviver, para pagar o aluguel e manter a família, o que implicou várias mudanças de casa, idas e vindas de um bairro para outro. Acompanhou também os problemas de adaptação do pai, intelectual socialista, para a vida de mascate, de vendedor ambulante. A família de Amélia pode ser vista como um exemplo de que, nem todos os imigrantes judeus da Europa Oriental conseguiram ascender socialmente, como mostra uma parte da bibliografia consultada.

Annie, além dos problemas de saúde da mãe, vivenciou as dificuldades de trabalho do pai na sua luta pela sobrevivência e manutenção da família, as mudanças de casa e de bairro, entretanto, no seu caso, foi para melhor. O seu pai conseguiu realizar os passos da ascensão social, passando de artesão-ambulante para proprietário de relojoaria.

35 KOSMINSKY, E. Op. cit., 1996.

É muito interessante observar que, a avaliação de cada uma das entrevistadas a respeito da sua infância não está relacionada à situação financeira da família como se poderia pensar e sim, ao seu relacionamento com os pais e com o grupo social freqüentado pela família. Das três, é Amélia, a que teve a infância mais pobre, que afirma ter tido “uma infância muito gostosa, muito humana e muito solidária”. Ela viveu uma infância no meio de adultos, provenientes do mesmo *shtetl* dos seus pais, unidos pelos ideais de solidariedade. E foi a que teve um maior entrosamento com os pais. Foi o seu pai que a introduziu à literatura iídiche e aos grandes escritores russos.

A infância de Annie foi “difícil”. Talvez por essa razão que ela tenha tido dificuldades de recordar os primeiros anos da sua vida, a mãe “sempre doente”, os passeios com a empregada e a angústia que cercou a gravidez da sua mãe. A aproximação maior de Annie foi com o pai; assim que cresceu mais um pouco, passou a ajudar o pai na loja, demonstrando satisfação com isso.

Célia olha a vida de criança com os olhos de hoje, ao comparar com a vida atual, diz que “era mais fácil”, porque as pessoas tinham menos pretensões e não questionavam os seus pais, pelo menos enquanto crianças. A sua infância foi mais voltada para as amizades com as crianças não-júdias da vizinhança, denotando um maior afastamento dos pais do que as demais entrevistadas: considera o seu pai como tendo sido “anti-social” e a mãe como “passiva, cordata”.

O relacionamento com crianças júdias e não-júdias está muito ligado ao bairro e às diretrizes que os pais deram às crianças. Assim, enquanto Amélia viveu no Bom Retiro, bairro de maior concentração de imigrantes judeus da Europa Oriental, na época, o seu relacionamento de amizade foi com outras meninas júdias. Quando ela e os pais se mudaram para o Cambuci, bairro onde moravam poucas famílias júdias, a sua aproximação maior passou a ser com as meninas da vizinhança e com as colegas da escola, não-júdias.

Annie, em Salvador, na Bahia, só passou a ter amigas não-júdias quando entrou no ginásio, pois, até então, os seus amigos eram todos judeus da Escola Israelita, onde cursou o primário. Apesar das amigas não-júdias, o peso maior das suas amizades se concentrava no Grêmio da Juventude Israelita, portanto, com amigos judeus. Célia só contava com as amigas da vizinhança e com as colegas da escola, na sua maioria não-júdias, uma vez que os seus pais não freqüentavam organização judaica alguma.

O ser judeu em um país católico aparece ligado à proposta de vida dos pais, ao bairro onde residem, se é um bairro de presença judaica ou não, e à participação dos pais em associações judaicas. O judaísmo desempenhou um papel muito forte na infância de Amélia, o judaísmo entendido como cultura e não como religião, pois, o seu pai era socialista e a sua mãe acompanhava o pai. Os seus pais participaram com bastante empenho da *landsmanshaft*, a que pertenciam e também de outras associações judaicas. Os amigos dos seus pais, as atividades de lazer foram sempre realizadas com judeus.

A experiência do Cambuci não deixa de ser muito interessante, quando a menina Amélia se encontra em um ambiente não-judaico e, através da amizade com as meninas não-júdiás, sente-se atraída pelos rituais da Igreja Católica, aprendendo inclusive as rezas. É um sentimento de atração e ao mesmo tempo de medo por estar fazendo algo escondido dos pais e, além disso, o sentimento de sentir-se estranha ao ambiente social, por não compartilhar da mesma religião que os demais, daí o sentir-se “mal” na hora da aula de religião.

Para Célia o ser judeu é algo que acontecia esporadicamente, na ida à sinagoga para as grandes datas. No entanto, desde pequena, ela sabia que era judia, pois o seu pai tinha como “finalidade maior” da sua vida afirmar de forma autoritária que os filhos só se casariam com judeus. Vivendo num ambiente social não-judeu, “não foi fácil”, cumprir a exigência do pai.

Annie sempre freqüentou um ambiente social judeu, a escola judaica onde fez o curso primário, as associações de jovens judeus, os vizinhos do prédio onde moravam. O papel desempenhado pelo pai na sinagoga parece também ter tido uma grande importância na sua vida. O fato de ter tido amigos não-judeus não diminuiu a importância que teve para ela as amizades com judeus. As idas quando criança com a empregada numa igreja católica não parecem ter tido grande significado para ela, e sim, o fato de desejar um irmão e de que a sua mãe superasse os seus problemas de saúde. Quando enfim o irmão nasceu, uma série de coisas boas são associadas à sua chegada, uma das quais é a mudança para um apartamento melhor, além dela ter ganho um companheiro.

Do ponto de vista externo ao grupo judeu, como essas famílias imigrantes foram recebidas? Segundo Annie, “foram muito bem aceitos, fazendo amizades com judeus e com não-judeus”. Annie fala do respeito e admiração que os clientes do seu pai tinham por ele e das suas amigas católicas de poder aquisitivo mais elevado do que o seu e que “gostavam de judeus”, fala também dos amigos negros e sugere que, talvez, a sua aceitação esteja ligada ao fato de ser minoria numa sociedade onde os negros “passam por problemas”. Annie afirma não ter sentido qualquer tipo de anti-semitismo na época em que viveu na Bahia.

É interessante observar que os casos de anti-semitismo ocorrem em muito maior número no Bom Retiro, bairro de forte presença judaica, mas, também de outros imigrantes, italianos e lituanos. É o que conta Amélia, ao se referir à atitude dos meninos não-judeus durante a Semana Santa; aos lituanos bêbados; ao padre anti-semita; e à época do Governo Vargas, quando o seu pai foi aprisionado com outros amigos por estar falando em iídiche, que a polícia confundiu com alemão. Esses momentos de anti-semitismo não parecem, no entanto, terem impedido o exercício do judaísmo por parte de sua família e dos amigos dos seus pais, nem limitado as suas atividades. Quando o pai de Amélia e os outros mascates judeus iam vender nos bairros mais pobres, eles não eram identificados como judeus e sim, como “o russo da prestação”. O anti-semitismo no Bom Retiro parece, então,

ter estado relacionado à antiga pregação da Igreja Católica, de que os judeus mataram Cristo.

Célia que viveu em um ambiente de classe média alta, nos Jardins, afirma não ter encontrado atitude alguma de anti-semitismo quer na escola, quer na vizinhança. A única exceção se refere à presença do seu irmão no Clube Paulistano, um clube da elite de São Paulo, onde ele militava como nadador e sentia um anti-semitismo “latente”, isto é, não declarado.

Será que as filhas dos imigrantes judeus através das amizades com as outras crianças se integraram na vizinhança? Como segunda geração, elas falavam iídiche em casa e português na escola e com os vizinhos não-judeus. Amélia, no Bom Retiro, se integrou ao bairro através das associações judaicas. No Cambuci, em um meio talvez mais pobre e não-judeu, pode sentir o quanto os costumes brasileiros limitavam a atuação da mulher e o quanto esta era dependente do marido. A impressão que Amélia passa é de uma profunda ligação com a comunidade judia freqüentada por seus pais e a sua visão de mundo parece ter se formado a partir dessa inserção. Entretanto, ela não nega a sua aproximação das “meninhas goym” e da sua convivência com o catolicismo ao afirmar que, “cresci num ambiente bem mais judaico, mas, cresci também no Cambuci”.

Célia parece ter se integrado muito mais do que as demais entrevistadas na vizinhança não-judia pois o seu contato foi direto, quase que sem a intermediação dos seus pais. Das três, a não ser pelo autoritarismo do seu pai, que insistia na manutenção da identidade judaica sem no entanto propiciar elemento algum para os seus filhos, foi a que maiores possibilidades apresentou de aquisição de valores da vizinhança luso-brasileira.

Annie como cresceu em uma sociedade que contava com um pequeno número de judeus, o que de um lado, lhe proporcionou um contato maior com outros grupos sociais, pessoas de mais recursos, católicas, negras; do outro lado, tratava-se de um grupo judeu bastante coeso, o que lhe garantiu a sua participação num ambiente judaico, além da forte presença do judaísmo em sua casa. Assim a sua integração na sociedade luso-brasileira se deu de uma forma intermediária entre a forma vivida por Amélia, a mais judaica, e aquela experienciada por Célia, a menos judaica.

Quanto à brasileirização dos pais, como todos trabalhavam com o comércio, todos tiveram que aprender a língua portuguesa. O pai de Amélia, pela sua posição socialista e em contato com a Casa do Povo, deve ter tido também algum conhecimento com não-judeus socialistas, no entanto, persistiu fortemente ligado à sua comunidade, formada pelos imigrantes da sua pequena cidade. O pai de Annie parece ter tido uma integração maior com o ambiente não-judeu através da sua loja e pelo fato de Salvador contar com uma pequena comunidade judia. O pai de Célia não parece ter tido amigos, quer judeus, quer não judeus.

As mães parecem ter desempenhado uma posição secundária na vida da família. As maiores informações dizem respeito aos pais. O fato das mães terem

ficado em casa, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, nos bairros de menor poder aquisitivo, como o Cambuci, pode ter favorecido o contato com as mulheres da vizinhança não-júdas, o que não deve ter acontecido tão frequentemente no bairro de classe média alta onde morou a mãe de Célia. No caso de Salvador, a mãe de Annie deve ter tido contato com as vizinhas não-júdas, pois naquela época as relações de vizinhança tinham um peso muito grande na vida das pessoas.

As filhas podem ter influenciado na aproximação dos pais da sociedade luso-brasileira, através do contato com não-judeus na escola, o que também implicava contato com adultos não-judeus, os professores e, também, com adultos e crianças não-júdas do bairro. Além disso, a sociedade brasileira da época demonstrava ser muito mais acolhedora do que hostil, o que certamente influenciava positivamente a integração dos imigrantes e de suas filhas.

Célia, Amélia e Annie tendo com base as memórias da sua infância construíram a sua identidade pessoal e a sua identidade coletiva judaica. Esta identidade formou-se a partir das diretrizes judaicas das suas famílias (Célia, Amélia e Annie), da convivência com o ambiente social judaico (Amélia e Annie), e do compartilhamento das dores do Holocausto (Amélia e Annie). Como crianças júdas em um país de cultura católica, cresceram próximas dessa religião ou tiveram um contato estreito com ela em algum momento da sua infância. Essa convivência provocou momentos de atração e ao mesmo tempo de repulsão de um lado, e do outro, serviu como um meio de acesso à cultura e à sociedade brasileira.

Abstract: Through these memories, Jewish women speak about their immigrant parents, the neighborhoods where they lived, the schools where they studied, their Jewish and non-Jewish friends, their relationship with Judaism and with Catholicism, and also about anti-Semitism. Their childhood collective memory helped them build their Jewish identity.

Keywords: Jewish immigration, collective memory, Jewish identity